

**O ENSINO DE ALUNOS PORTADORES DO
TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO-HIPERATIVIDADE:
O PAPEL DO DOCENTE E DA UNIVERSIDADE**

Fernanda Cristina Viana (UEL)

Jéssica Brandet Alves (UEL)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir sobre o trabalho em sala de aula com alunos portadores de Transtorno de Déficit de Atenção-Hiperatividade (TDAH). A partir de uma experiência do Estágio Curricular Obrigatório, serão levantados pontos acerca da inclusão desses alunos na escola, refletindo sobre como um professor deve agir ao se deparar com essa realidade. Será abordada ainda a relação entre teoria e prática docente, fazendo uma reflexão sobre a preparação dos graduandos em licenciatura em relação ao trabalho com alunos portadores de TDAH. Dessa maneira, levantaremos questionamentos sobre se os futuros docentes recebem uma boa preparação para auxiliar na aprendizagem de alunos com TDAH, apontando a necessidade de um trabalho em conjunto da escola e universidade para a formação de professores capacitados a incluir esses alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno de Déficit de Atenção-Hiperatividade; inclusão; ambiente escolar.

A educação é um processo social, é desenvolvimento.
Não é a preparação para a vida, é a própria vida. (John Dewey)

1. Introdução

O estágio curricular obrigatório supervisionado teve sua realização no Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, com orientação do professor supervisor Vladimir Moreira. Os conteúdos trabalhados no decorrer do estágio, nas fases de observação, auxílio e regência, foram escolhidos pela regente da escola. Foram eles: o Romantismo no Brasil e o Modernismo Português e Brasileiro.

No decorrer da realização do estágio, ocorreram muitas orientações com a própria professora regente da escola com o objetivo de auxiliar no comportamento em sala. Foram trabalhadas propostas de ensino e elaboração de planos de aula com uma turma de alunos do 2º ano do Ensino Médio e uma turma do 3º ano do Ensino Médio.

Durante a fase de observação, a professora regente da escola sempre procurou destacar o comportamento dos alunos presentes em ambas as turmas, porém priorizava discussões acerca da turma do 3º ano do Ensino Médio que, segundo ela, necessitava de atenção especial por parte da escola. A turma era composta de poucos alunos, porém, segundo a professora e funcionários da escola, um deles tinha indícios de ser hiperativo e dificultava as atividades aplicadas em sala de aula.

O aluno era violento, agitado e saía da sala de aula quando bem entendia. A orientação dada pela professora em relação a como lidar com esse aluno era de que ele deveria ser ignorado durante as aulas, pois não adiantava chamar sua atenção ou solicitar a presença dos responsáveis na escola. O restante da turma, percebendo a maneira como a escola conduzia a situação, também ignorava a presença desse aluno, excluindo-o de interações e solicitando que ele fosse avaliado de maneira distinta da deles quando se tinha algum trabalho em grupo.

Dessa maneira, pode-se afirmar que esse aluno era excluído das atividades não apenas avaliativas, mas também sociais dentro da escola. A partir dessa experiência, este trabalho tem como objetivo principal a discussão acerca de como um professor deve agir diante de uma realidade como a desse aluno. Também serão abordadas possíveis maneiras de se lidar com esse tipo de situação. Além disso, será discutido até que ponto muitas das teorias com que o graduando tem contato na universidade podem realmente ser aplicadas em sala de aula diante de situações como a relatada anteriormente. Por último, será feito um questionamento a partir desses assuntos com o objetivo de concluir se a universidade vem formando, ou não, professores capacitados para lidar com alunos como esse, já que, na maior parte das vezes, não se tem uma ajuda profissional concedida pelo governo para isso.

2. O Transtorno de Déficit de Atenção-Hiperatividade (TDAH):

Para uma boa discussão sobre os assuntos propostos, é de extrema importância que em primeiro lugar se entenda o que é a hiperatividade. O Transtorno de Déficit de Atenção-Hiperatividade, segundo Gomes e Vilanova (1999), especialistas em neurologia infantil, consiste em um “padrão persistente de desatenção e/ou de hiperatividade, mais frequente e em maior grau do que tipicamente observado nos indivíduos com nível equivalente de desenvolvimento” (1999, p. 140). Os autores também destacam que cerca de 3 a 5% das

crianças e adolescentes em idade escolar apresentam esse transtorno. Muitas vezes, a hiperatividade acaba por ser confundida com uma agitação comum. Dessa maneira, é importante entender as características que as diferem.

Ainda de acordo com Gomes e Vilanova (1999), uma característica importante sobre o TDAH é que sintomas prejudiciais podem começar a ser observados a partir dos sete anos de idade. Outras características e sintomas do transtorno são:

impulsividade, manifestada por impaciência, dificuldade em aguardar sua vez, responder precipitadamente antes das perguntas terem sido completadas ou interromper freqüentemente os assuntos dos outros. Alteração da sociabilidade, labilidade emocional, baixa tolerância às frustrações, baixa auto-estima e comportamento desafiador (...). As realizações acadêmicas, em geral, estão prejudicadas e são insatisfatórias, tipicamente ocasionando conflitos com a família e autoridades escolares. Muitos pacientes apresentam também transtorno psicomotor caracterizado por uma incoordenação motora (apraxia), sendo classificados pelos familiares como desastrados, além de poderem apresentar distúrbio da fala e alterações do processamento auditivo (GOMES e VILANOVA, 1999, p. 140).

No caso de uma agitação simples, segundo a psicóloga Katia Veja Kestenberg (2018), ela se dá apenas em determinados contextos e temporariamente, sendo capaz de retornar para o que a psicóloga chama de ritmos normais para os padrões comuns.

O diagnóstico do TDAH é clínico, sendo feito por profissionais da área de psicologia, psiquiatria, neuropediatria e neurologia. O tratamento com medicação se dá com prescrição médica, sendo necessário, para isso, que o paciente preencha os critérios diagnósticos necessários e tenha mais de seis anos de idade. No entanto, apenas o uso de medicação pode não ser o suficiente para um tratamento eficaz. Segundo Gomes e Vilanova:

Os vários componentes da terapia multimodal – integração da farmacoterapia com abordagens do tipo ambiental, educacional e psicológica – são ditados pela necessidade e complexidade de cada caso. A real eficácia dessa abordagem está ainda em estudo. Existe um amplo número de intervenções educacionais para crianças com TDAH que apresentam distúrbios de aprendizagem – desde simples mudanças do local de se sentar na classe e terapias de modificação comportamental até programas mais intensos para crianças com maior dificuldade de aprendizado (1999, p. 141).

Dessa maneira, pode-se afirmar que a família e o ambiente escolar são fundamentais no tratamento de crianças e adolescentes que apresentam TDAH. É importante, assim, que pais e professores trabalhem juntos no auxílio desses jovens.

A falta de diagnóstico e tratamento do TDAH podem resultar em baixa autoestima, insucesso social e acadêmico, risco de uso de álcool e drogas, maior tendência a cometer atos infracionais, comportamento antissocial, entre outros.

3. O aluno hiperativo e a sala de aula

O ambiente escolar é de extrema importância para a formação dos indivíduos. Na escola, eles aprendem não apenas conteúdos, mas a conviver em sociedade, a reconhecer seu papel de cidadão. Os professores e funcionários têm papel fundamental na vida dos alunos, pois o que fizerem em sala de aula ficará marcado na vida deles, de maneira negativa ou positiva.

No caso dos alunos com TDAH, ocorre certa dificuldade e despreparo para que se exerça um trabalho de qualidade. Os alunos com TDAH possuem a mesma capacidade de aprender que os outros estudantes, porém, muitas vezes devido à dificuldade da escola em se adaptar a essa realidade, acabam sendo excluídos e subestimados pelos professores e colegas de sala. Dessa maneira, o que acaba acontecendo é que o rendimento escolar desses alunos fica comprometido:

O fracasso escolar repercute nas várias “alterações que se evidenciam na escola como: atrapalhar a dinâmica em sala de aula, tumultuar a classe com brincadeiras inoportunas, não conseguir trabalhar em grupo e nem atingir os objetivos propostos pela turma” (SOUZA, 2010, p. 68).

Assim, é necessário que a escola possua propostas de inclusão para esses alunos, com atividades que eles se interessem em cumprir e que o auxiliem a ter uma boa convivência com os outros estudantes em sala de aula. É importante que as diferenças entre os alunos sejam respeitadas e que os pontos fortes sejam valorizados, enquanto as dificuldades são trabalhadas com o objetivo de serem superadas. Para tanto, a escola, para exercer o papel da inclusão:

compreende um rompimento de empecilhos à aprendizagem e, para a participação de todos, não pode focar apenas nos educandos ou só no ambiente que os envolve, mas nas diversas interações que os momentos dentro da escola proporcionam (LIMA, 2014, p. 2440).

Ou seja, uma das alternativas para auxiliar os alunos com TDAH na inclusão dentro da escola é que os professores trabalhem também por meio das interações que os alunos possuem dentro dela, propondo atividades em que eles possam se identificar e se sentir aceitos dentro do ambiente escolar, tornando-o interessante.

Dessa maneira, é de extrema importância no trabalho com alunos hiperativos que a aula seja bem estruturada. Uma proposta estrutural e composicional de como agir em sala de aula com alunos hiperativos é:

- 1) Estabelecer uma rotina diária clara, com períodos de descanso definidos. Usar reforços visuais e auditivos para definir e manter essas regras e expectativas, como calendários, cartazes e músicas. As instruções devem ser dadas de forma direta, clara e curta.
- 2) Estabelecer consequências razoáveis e realistas para o não-cumprimento de tarefas e das regras combinadas (...)
- 3) Focalizar mais o processo (compreensão de um conceito) que o produto (concluir 50 exercícios). Certificar-se que as atividades são estimuladoras e que os alunos compreendem a relevância da lição.
- 4) Adotar uma atitude positiva, como elogios e recompensas para comportamentos adequados (BENCZIK e BROMBERG, 2003, p. 209).

Com isso, o aluno poderá se sentir mais estimulado a aprender e sua aprendizagem pode se consolidar de maneira mais eficiente. As aulas irão se tornar mais interessantes e poderá se tornar possível a inclusão desse aluno nas atividades educacionais e sociais dentro da sala de aula.

4. O papel da universidade na formação de professores capacitados

Muito se discute entre graduandos de licenciatura sobre a relação das teorias usadas pela universidade na formação de professores e a prática em sala de aula. Ter contato com a teoria é de extrema importância para um bom trabalho com os alunos, mas, muitas vezes, elas acabam por não ser suficientes.

No caso do trabalho com alunos portadores de TDAH, as teorias vistas nas salas de aula das universidades, nos cursos de licenciatura em Letras, em especial, ainda estão em falta. Pouco se discute sobre como um professor deve agir nessas situações. O resultado: professores despreparados para lidar com diferentes tipos de alunos, o que acaba por

comprometer o rendimento escolar e, no caso de alunos hiperativos, ainda pode resultar em exclusão.

A inclusão de alunos com TDAH é fundamental para que se tenha um bom rendimento escolar e social deles, porém as teorias vistas nas universidades, em nosso caso, no curso de Letras que estamos encerrando, não auxiliam os futuros docentes de maneira eficaz para isso. Dessa maneira, “percebemos uma carência muito grande de uma formação docente continuada, para que os educadores possam compreender a dimensão da inclusão frente a suas práticas” (LIMA, 2014, p. 2445).

Assim, é inevitável afirmar que a universidade deve abordar e discutir mais acerca das diferenças entre os alunos que serão encontradas em sala de aula. É necessário que os graduandos de licenciatura sejam orientados sobre esses assuntos para que, quando se depararem com a realidade dentro da escola, não enxerguem apenas as dificuldades, mas que sejam capazes de encontrar caminhos para incluir os alunos que tenham dificuldades e possam auxiliá-los na construção de seu conhecimento, consolidando, de maneira eficiente, sua aprendizagem.

5. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo discutir sobre como um professor deve agir ao se deparar com alunos portadores de TDAH. Por meio das reflexões, pode-se concluir que ainda não há o preparo necessário na universidade para que o docente saiba lidar com esse tipo de situação e possa verdadeiramente auxiliar esses alunos.

Também se pôde concluir que a escola, no exemplo da experiência de estágio relatada na introdução deste artigo, não agiu de maneira adequada ao incentivar a exclusão do aluno das atividades avaliativas, que teve como consequência a exclusão dele em atividades sociais também. Dessa maneira, as medidas corretas a serem tomadas seriam aulas bem estruturadas, com rotinas diárias, reforços visuais e auditivos, atividades que estimulem esses alunos, além de uma atitude positiva em que se adotam elogios e recompensas quando o comportamento do aluno for adequado.

Assim, é possível afirmar que um longo caminho ainda deve ser traçado para que ocorra uma inclusão verdadeira de estudantes portadores de TDAH. É importante, para isso, que se

discuta com graduandos de licenciatura sobre o TDAH, mostrando a eles maneiras de se trabalhar com esses alunos e os deixando cientes que isso faz parte da realidade escolar.

Concluindo, pode-se afirmar que as teorias referentes ao ensino trabalhadas na universidade devem abranger discussões acerca das diferenças entre os alunos, que precisam ser respeitadas. O docente deve estar preparado para lidar com esses alunos e encontrar caminhos em que possa incluí-los. Dessa maneira, o ensino-aprendizagem do aluno não será comprometido pela dificuldade do professor em encontrar meios adequados para ensiná-los.

É necessário, então, que a escola e a universidade trabalhem juntas para apresentar a realidade que os futuros docentes enfrentarão e, assim, formem professores capacitados para trabalhar com diferentes alunos e que respeitem as particularidades e dificuldades de cada um deles, para que se tenham um ensino mais inclusivo e eficaz, que seja prazeroso tanto para professores, quanto para estudantes.

REFERÊNCIAS:

BENCZIK, Edileyne Bellini Peroni; BROMBERG, Maria Cristina. Intervenções na Escola. In: MATTOS, Paulo; ROHDE, LUÍS Augusto. *Princípios e Práticas em TDAH*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DEWEY, John. A Escola e a Sociedade e a Criança e o Currículo. Relógio D' Água, 2002.
GOMES, Marcelo; VILANOVA, Luiz Celso Pereira. Transtorno de Déficit de Atenção-Hiperatividade na Criança e no Adolescente: Diagnóstico e Tratamento. *Rev. Neurociências* 7(3): 140-144, 1999.

KESTENBERG, Katia Vega. *Hiperatividade X Agitação: Como identificar a diferença?* Disponível em: <https://www.psicologiaviva.com.br/blog/hiperatividade-agitacao/>. Acesso em: 06/09/2019.

LIMA, Tatiana de. *Processo de Inclusão de Alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade*. Disponível em: <http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/341.pdf>. Acesso em: 10/09/2019.

SOUZA, Gisele Maria de. Reflexões sobre a prática escolar para alunos hiperativos. *Pedagogia em Ação*, v. 2, n. 1, p. 1-103, fev./jun. 2010.